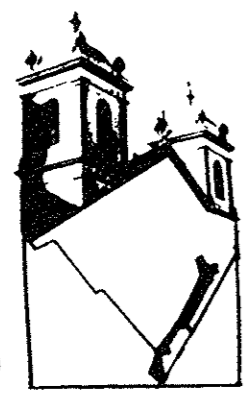


A Igreja no Rio Grande — V

Reportagem de IMARA STALLBAUM (texto) e ANTÔNIO CARLOS MAFALDA (fotos)



Na aldeia de Pinhalzinho, na Reserva Indígena de No- noai, uma velha kaigang guarda com fervor a imagem de Nossa Senhora da Conceição que será colocada na primeira capela de tijolos e formato circular, ali mesmo na aldeia, que uma reserva de índios jamais recebeu. Mes- mo confessando não entenderem muito de religião, ma- gros e sofrendo de tuberculose, os habitantes da área es- tão exultantes. A alguns quilômetros dali, em Palmeira das Missões, padre Danilo Samori, responsável por uma

paróquia de 30 mil fiéis pergunta se o salário mínimo nos moldes atuais é constitucional. Paralelamente, informa Dom Bruno Maldaner, bispo da diocese nos últimos cinco anos, mais de mil famílias de agricultores foram obriga- das a abandonar a região. Como se não bastasse, diaria- mente futuros candidatos ao desterro batem à sua porta pedindo-lhe que a Igreja promova afinal um projeto de colonização ou Reforma Agrária. Assim vive a diocese de Frederico Westphalen.



Dom Bruno Maldaner, bispo da diocese de Frederico Westphalen

A terra e o êxodo, os problemas da diocese de Dom Bruno

Para Onde Vais? O bispo de Frederico Westphalen faz esta pergunta ao relatar que mais de mil famílias de agricultores abandonaram suas propriedades na região, nos últimos cinco anos, emigrando para o Mato Grosso, Amazônia e Paraguai e não raro para trabalhar nas fábricas de calçados de Novo Hamburgo. Assim, a campanha da Fraternidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil deste ano, cujo slogan é a indagação mais costumeira de Dom Bruno Maldaner, em sua opinião, não pode impedir o êxodo rural, pelo menos em Frederico Westphalen e municípios vizinhos. Lá, 60% da população têm menos de 20 anos e cada vez a questão da falta de terras se agrava mais.

O desespero por ver que hoje — ao contrário do que ocorria no passado, quando o cultivo da terra "mais rudimentar, exigia fatura de mão-de-obra — as lavouras automatizadas transformaram as proles numerosas em bocas ociosas que devem ser sustentadas, cria situações verdadeiramente dramáticas. Influenciados pelas histórias contadas nos bares a respeito de poucos agricultores de porte médio e latifundiários que se instalaram com sucesso em grandes nacos de áreas inexploradas nos Estados vizinhos, é o que basta para estimular o minifundiário a lançar-se em busca de uma vida melhor mesmo que longe da terra em que nasceu.

Diante desse quadro tanto Dom Bruno quanto os padres e leigos que gravitam em torno das 34 paróquias, 600 capelas e para onde convergem ao redor de 550 mil fiéis da diocese chegaram à conclusão de que a própria Igreja deve criar um projeto de colonização para absorver este grande número de desterrados.

A idéia ainda em estudo e suscitando discussões entre clero, sindicatos, cooperativas e líderes comunitários da região parte do princípio de que o exemplo de alguns padres jesuítas que há aproximadamente 50 anos compraram uma vasta área de terra no oeste catarinense, lá assentando centenas de famílias, pode e deve ser reprimado. Ainda mais que da decisão dos religiosos surgiram municípios florescentes como Itapiranga, São João e Tumas, entre outros, todos hoje sobrevivendo graças a pequenas propriedades que se baseiam na economia familiar.

LICÇÃO DE UNIÃO

Não resta dúvida, acredita o bispo de Frederico Westphalen, que para atingir tal objetivo é necessário comprar terras e para tanto, deve haver uma união de esforços entre as forças vivas da comunidade, inclusive com o Governo, através do Incra. Pelo menos neste sentido, um primeiro passo já foi dado: as famílias na diocese, estão muito organizadas. E mostra dessa organização foram dadas em várias ocasiões, mas em especial durante as mobilizações contra o confisco da soja.

Dom Bruno Maldaner chegou a ficar impressionado com o que viu. Atendendo aos apelos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Frederico Westphalen, ele e outros integrantes do clero local participaram das con-

testações "sempre dentro da ordem", constata- ndo que "a grande lição sentida foi a união. Foi um acordar coletivo, um autêntico movi- mento sindical", junto em sua opinião, em muito da Cartilha de Educação Política, distribuída pela CNBB às vésperas das últimas eleições: "As pessoas se conscientizaram de que têm que fazer política com P maiúsculo e não apenas política partidária".

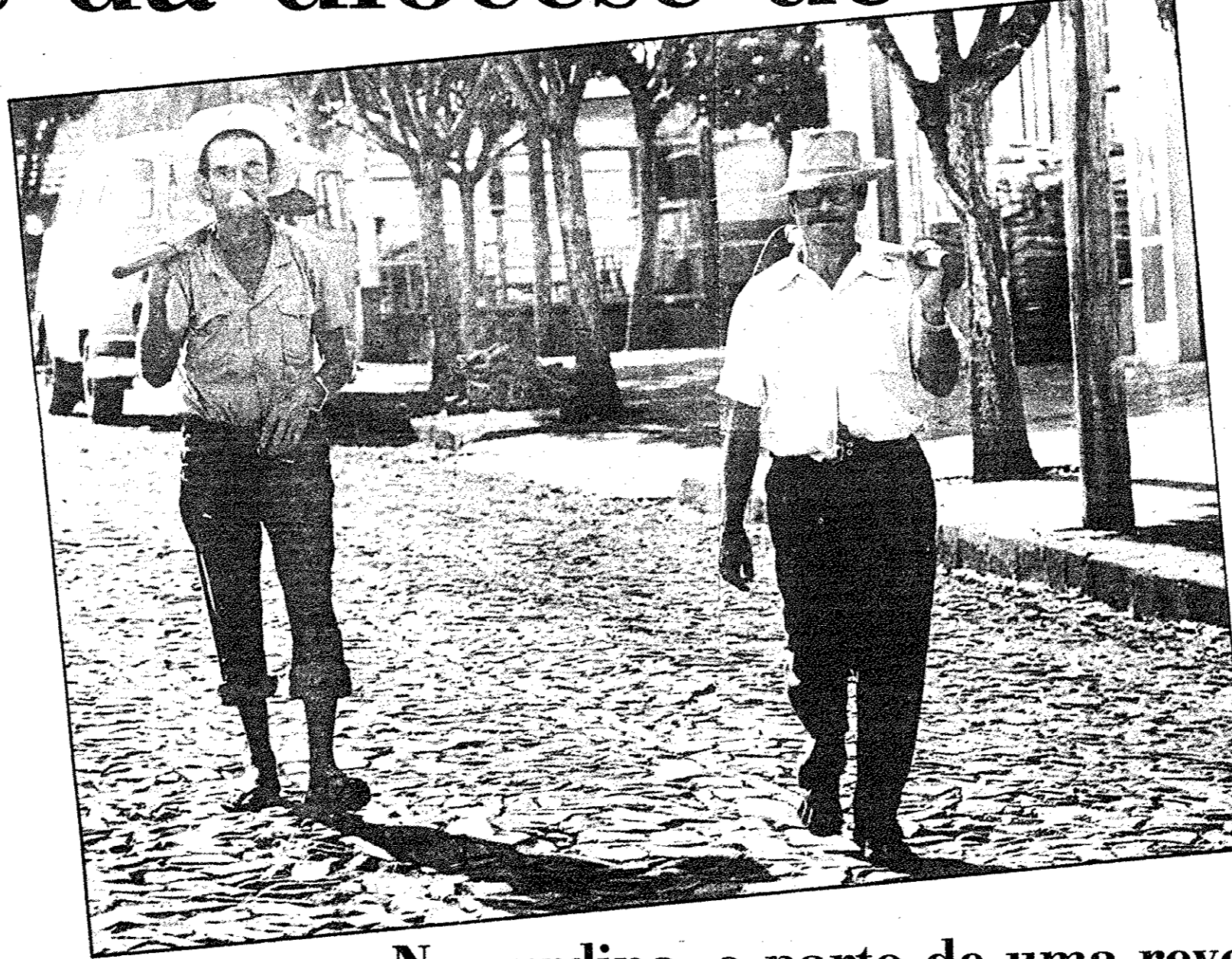
Chefe da diocese desde 1971, quando abandonou a função de bispo auxiliar de Dom Agnelo Rossi de São Paulo, ele se considera um bispo que segue uma certa linha de equilíbrio e que em sua comunidade prefere trabalhar em conjunto com as autoridades, embora reserve-se o direito de em determinadas ocasiões cobrar atitudes erradas de seus colaboradores. Para tanto baseia-se na certeza de que "a Igreja hoje é mais respeitada na sociedade porque todas sabem que ela representa uma força".

Mas o fato de, como bispo de uma Igreja permanentemente questionada pelos meios políticos partidários, preferir o provérbio "no meio está a virtude", ele não critica posições mais avançadas como as de seu colega Dom Evaristo Arns, da diocese de São Paulo, que apoiou a recente greve dos metalúrgicos. Lembrando que teve oportunidade de conviver com Dom Arns durante seis anos, Dom Bruno diz que de certa forma o fato de haver representantes católicos mais avançados, em grande parte deve ser encarado com bons olhos: "Eles abrem caminho, puxam a Igreja. É por isso que se diz que os jovens e os velhos dão uma importante contribuição à nação. Porque o meio termo é o mais certo".

De qualquer maneira ele não admite que algumas pessoas condenem o bispo de São Paulo, na medida em que quem o critica não pode dizer que fala em nome da Igreja que não pode ser confundida, cre, com meros indivíduos. Pensa ainda que a divisão de opiniões no clero — Dom Vicente Scherer com relação ao episódio das greves fez um pronunciamento que "colocou água na fervura", porque é mais legalista, mais prudente" — vai continuar mas não significa divisão de Igreja.

Esta, prossegue, está mais unida do que nunca, sobretudo porque ninguém pode discutir o fato de que as atitudes de Dom Evaristo Arns (e mesmo de Dom Cláudio Hummes, do ABC paulista), acabaram se enquadrando com a atual postura oficial do catolicismo brasileiro. Se a meta hoje é buscar a justiça social "as greves dos metalúrgicos e as de outras classes não buscam esta justiça social"? questiona Dom Bruno Maldaner.

Assumindo ares proféticos ele avisa que a Igreja deverá cada vez se unificar mais, que a marginalização do Rio Grande do Sul deverá ser temporária e que em seu lugar surgirá um novo Estado. Tão certo como, diz Dom Bruno, o papa João Paulo II é carismático e ao mesmo que um conservador, por qualificar a fim de "assentar as coisas", da situação de marginalização política e econômica em que se encontra atualmente o Rio Grande avança- ra para um período em que se imporá a toda a nação brasileira.



Em tempo de crise, o êxodo é uma realidade que nem a campanha da CNBB consegue controlar

Na surdina, o parto de uma revolução

"Jesus Cristo na Palestina nunca criticou a existência dos quatro partidos políticos, mas falou das injustiças que aqueles que comandavam o povo cometiam, na frente deles. E apesar da mansidão que pregava, perguntou a quem o flagelava, por que me bateis?" Na sacristia da pequena igreja construída examente no local onde os jesuítas Roque Gonzales e João del Castilho foram trucidados por índios enraivecidos no século XVII, o vigário de Caaró, Avelino Ten Caten, diz que a Igreja é sempre a mesma e se hoje volta-se para os problemas sociais, preocupando-se com os pobres é porque "ocndoulo com o mundo".

Para ele, além de "Jesus Cristo gostar da fé", esta ainda existe e muito. Quando sucessivos períodos de seca abateram as lavouras gaúchas nos últimos anos conta, "che- guei a pensar que Deus sabe o que faz, porque estava havendo muito materialismo". Hoje, principalmen-

te no interior das dioceses, compro- vando a intuição do padre, as igrejas estão mais cheias do que nunca. Eclético porém, Deus — observa padre Avelino — elege como seus santuários, mas também está presente nas greves, onde houver deses- pero, o que torna coerente a nova postura católica de marcar presen- ça em todos os lugares onde houver injustiça.

Convencido de que as notícias de jornal "às vezes jogam meia frase do entrevistado fora, dando uma impressão errada ao leitor", o vigário faz um apelo: "Eu agora gostaria de saber o que você vai escrever de tudo o que falamos. Você pode dar uma imagem errada dizendo que eu disse que Cristo falou em mansidão, em bem-aventurados os pobres e não falou em nada de os escravos se revoltarem. Se você deixar de lado a comparação destes dois pontos da mensagem saíra uma imagem incompleta e não se definiria ao certo o que realmente Cristo pregou.

NOVA REVOLUÇÃO FRANCESA

Sem desconsiderar as mensagens sociais contidas na Bíblia, frei Reginato, os pobres — o símbolo da silenciosa revolução social que está sendo levada a cabo pelo episcopado brasileiro — são permanentemente visitados por padres que "têm condução especial para este fim", em Alpestre, área da diocese de Frederico Westphalen, os soldados católicos estão encontrando sérias dificuldades para levar a nova linguagem da Igreja aos locais de maior marginalização.

Lá, enquanto aguarda a chegada de um vigário, tantas vezes encomendada a Dom Bruno Maldaner, irmã Vita, mãe das seis freiras da Congregação Sagrada Família de Maria, responsáveis pelo Colégio Estadual do município, só não reza missa e não ouve confissões. O resto, de cursos de batismo a conversas sobre a campanha da Fraternidade e visitas às 15 capelas existentes nos povoados, ela e suas companheiras fazem tudo.

Na verdade não é só a falta de um padre que transformou a vida das sete irmãs numa verdadeira rodaviva. Se hoje, ao contrário do que aconteceu algum dia, falta-lhes tempo até para jogar bola com as crianças, no recreio, é porque as decisões de Puebla pregando o atendimento dos pobres também chegaram à vida pacata de Alpestre. Da mesma forma o Concílio Vaticano II é lembrado com muito carinho pela mãe, porque antes dele as religiosas viviam fechadas em suas congregações e nas Igrejas os pobres rezavam missa em latim, de costas para o público.

Apesar do surgimento dessa nova mentalidade, em muitas paróquias ainda persiste o ranço do passado. Em Alpestre por exemplo, o vigário que morreu na Quaresma não admitia que madre Vita e suas seguidoras estimulassem os fiéis a cantarem os populares hinos compostos por Padre Zezinho que fogem à liturgia oficial mas contém mensagens de fácil entendimento.

Os índios guardam a santa e o padre defende a justiça

Não se sabe exatamente se é a fumaça proveniente de um fogão de chão onde grossas torças de lenha ardem sob panelas encardidas e quase vazias, ou se é emoção. A verdade é que Siá Paulina, uma kaigang que aos 75 anos de idade sofre de tuberculose, tem os olhos umedecidos quando toca o manto azul da imagem de Nossa Senhora da Conceição que ela guarda em casa, um dos tantos miseráveis baracões existentes na aldeia de Pinhalzinho, na Reserva Indígena de Nonoi.

Ferrenha guardiã da santa trazida à Reserva pelos índios procedentes da área indígena de Serrinha, em Ronda Alta, quando esta foi desativada, a magra, encurvada e surda Siá Paulina faz o possível e o impossível para salvá-la das mãos das crianças índias enquanto a Igreja em formato circular de tijolos à vista que está sendo construída na aldeia não fica pronta. Flores de plástico e papel de seda enfeitam a mesa coberta por uma toalha sintética estampada e atrás do pequeno altar improvisado, estendida, há uma bandeira em seda grossa branca do Divino Espírito Santo.

Pinhalzinho toda silêncio ao entrar na sala de tábuas gastas pelo tempo e sem móveis. Lá, chegando-se à única janela existente na fachada do prédio, admira-se o canteiro de obras da primeira Igreja da reserva e que curiosamente tem a forma de uma oca. "Mas é uma Igreja boa, né?" Cacique Pomgrê, que é filho de Siá Paulina, fala com orgulho daquela que será a primeira construção católica de material em território indígena e cuja inauguração deverá ocorrer nos primeiros dias deste mês, numa grande festa onde homens, mulheres e crianças mostrarão danças indígenas antes ou depois da missa inaugural.

É incrível que ali, naquelas paredes de tijolos presos uns aos outros por finas camadas de argamassa, há o dedo de algum desses novos arquitetos da moderna Igreja católica. Trata-se de padre Arlindo Hoffmann, irmão de Dom João Hoffmann, bispo de Erechim. Vindo de Nonoi, a alguns quilômetros de distância, ele volta a mais visita os índios para dizer-lhes que devem receber de braços abertos todos os que lutam pela causa indígena. Aos poucos foi conquistando a simpatia dos habitantes da área, mesmo que,

como pondere Cacique Pomgrê, "aqui a gente não entende muito de religião". Não tanto pela construção da capela se deve este visível entrosamento. Além de contestar a marginalização à qual estão relegadas as populações aborígenes como Igreja, padre Arlindo, conta Pomgrê, "andou bronqueando com o chefe do Posto da Funai na reserva".

QUEM MANDA

Conflitos, afinal, fazem parte do dia-dia das dioceses espalhadas pelo Rio Grande do Sul. Em Palmeira das Missões, também integrada ao território chefiado pelo bispo de Frederico Westphalen, o vigário Danilo Samori diz que "quando a Igreja exerce a sua posição profética ela é criticada. Caso contrário, não há críticas". É o caso do alegado envolvimento do clero com o movimento grevista dos metalúrgicos de São Paulo. A greve foi declarada ilegal, por isso o padre quer saber "porque é permitido ao comércio retirar um produto de circulação para em consequência ele aumentar de preço. Isso também é greve, mas é permitido".

"Me dizem que o salário mínimo nos moldes atuais é legal", prossegue, "mas ele é constitucional?" O responsável por uma paróquia onde vivem 30 mil pessoas e onde a política é moimestra acredita que ao buscar a justiça social o clero não pode ser tachado de subversivo. "É a Constituição que fala claro, não é a Igreja que é subversiva", ressalta.

Baseado nas palavras do papa João Paulo II, que, em sua recente viagem à África, anunciou não querer uma Igreja afastada da vida, o clero católico gaúcho e brasileiro, destaca o vigário, é tão coerente apoiando uma greve de metalúrgicos quanto apoiando o movimento de colonos contra o confisco da soja. Quanto mais não fosse porque o Concílio Vaticano II e as Reuniões de Medellín e Puebla definiram que a principal bandeira a ser desfraldada é a da promoção humana e em seguida a independência do episcopado.

Distanciada do Estado não só de direito — a partir da República — mas de fato, a partir desta nova mentalidade, ainda assim a Igreja, frisa padre Danilo Samori, em algumas circunstâncias admite a existência de gover-

nos militares. O fato, contudo, não a impede de perguntar "o que é mais importante, a economia ou a pessoa humana?" Sabedora da resposta correta, entende que se a greve dos metalúrgicos, "que tinha um fim social", foi declarada ilegal, isto partiu do governo brasileiro. Em contrapartida surge o seguinte raciocínio: "Quem faz as leis? O Governo. Que cor tem o governo militar?" Ou então, "quem faz as leis manda, manda quem está no poder, e quem está no poder manda". Dentro desta linha de pensamento, "o general Serpa foi exonerado porque é militar. Não foi o pecado que foi condenado, foi o pecador".

PLATAFORMA POLÍTICA

Embora "o cidadão tenha o direito de receber a verdade", prossegue o vigário, vive-se num país cristão em que se desconhece que "cristianismo não é só acabar com o desemprego e a fome, pois há países que são desenvolvidos e não são cristãos". A Igreja brasileira coesa e independente cabe então pregar que além da parte espiritual também o cidadão tem o corpo para salvar, na medida que "a única coisa que o trabalhador tem para oferecer é a sua vida, que deve ser protegida com bons salários, etc".

Tentando colocar todas estas idéias em prática, pelo menos em sua paróquia, padre Danilo diz que os três centros comunitários existentes em Palmeira das Missões estão localizados nas áreas onde há maior número de famílias marginalizadas. Sabedor de que para acabar com a marginalização há necessidade de uma série de medidas além da caridade, ele e a Comissão do Bem Estar do Menor (Ce- bem) local, além de prestar assistência, distribuindo alimentos, organizam cursos entre os quais estão os de corte e costura, bordado e tricô.

Como o objetivo maior destes centros é a valorização da pessoa e lá ainda se discute-se que a família nos moldes atuais "já era", padre Danilo toma uma atitude considerada de dignidade "quando a Cebem de Palmeira resolveu colocar na mais nova das três instituições de batismo, uma placa contendo os dizeres "Inaugurada na gestão de...". Proibiu sua colocação alegando que "sempre tem o perigo de que estas coisas sirvam de plataforma política um dia".



Na reserva indígena, Siá Paulina é a protetora da santa enquanto a igreja não fica pronta